

Biografismo e panorama de pesquisa em integridade da informação climática no jornalismo

Biography and research landscape on climate information integrity in journalism

Biografía y panorama de la investigación sobre la integridad de la información climática en el periodismo

SIMÃO FARIAS ALMEIDA¹

Resumo: A integridade da informação climática depende de atualizações epistemológicas e teóricas das ciências sociais aplicadas a fim de preservar a sociedade da informação, a democracia e a sociobiodiversidade. Partindo de um panorama biográfico do tema na área, reconhece-se o papel de pesquisador ao enumerar os atritos entre desinformantes, jornalistas e comunidades disruptivas, a partir dos quais, estratégias são sugeridas.

Palavras-chave: mudanças climáticas; desinformação; integridade da informação; biografismo da pesquisa.

Resumen: La integridad de la información climática depende de actualizaciones epistemológicas y teóricas en las ciencias sociales aplicadas para preservar la sociedad de la información, la democracia y la sociobiodiversidad. A partir de una revisión biográfica del tema en este campo, reconoceremos el papel del investigador al enumerar las fricciones entre desinformadores, periodistas y comunidades disruptivas, mediante las cuales estrategias son sugeridas.

¹ Doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Curso de Jornalismo e dos Programas de Pós-graduação em Comunicação e Interdisciplinar em Recursos Naturais da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Email: simaofariasfarias@gmail.com.

Palabras clave: cambio climático; desinformación; integridad de la información; biografía de investigación.

Abstract: The integrity of climate information depends on the epistemological and theoretical updates in applied social sciences to preserve the information society, democracy, and sociobiodiversity. Starting with a biographical overview of the topic in this field, the role of the researcher is recognized in listing the frictions between disinformers, journalists, and disruptive communities, from which strategies are suggested.

Keywords: climate change; disinformation; information integrity; research biographism.

Introdução

A realização da COP30 em novembro de 2025 no Brasil motivou o Governo Federal, através de sua Secretaria de Comunicação Social, a criar a Rede Nacional de Parceiros pela Integridade da Informação sobre Mudança do Clima (2025), responsável por produzir informações precisas, seguras, confiáveis e baseadas em evidências com o intuito de colaborar nos debates e nas ações de governança climática e da sociedade civil organizada durante a cúpula. Trata-se de uma iniciativa global que tem parcerias da ONU e da UNESCO em favor de agendas convergentes ao evento deste ano. A rede possui seis eixos engajados no rigor científico, na transparência, colaboração, imparcialidade, inclusão e ética. Nestes termos, baseia-se nos valores fundamentais da veracidade, credibilidade, responsabilidade social, sustentabilidade, justiça socioambiental, inovação, impacto e diversidade. São os pilares contemporâneos da integridade da informação a respeito das mudanças climáticas, nos quais devem se referenciar as políticas públicas, a opinião pública, o conhecimento científico, a comunicação social e o jornalismo, entre outros campos.

As expressões em torno da integridade informacional não são novidade para os jornalistas, desde a entrevista exclusiva e em *off* com um foragido da polícia feita pelo escritor Daniel Defoe, resultando no considerado primeiro texto factual híbrido de notícia e perfil biográfico, divulgado em 1725 (Connery, 2011). Desde então, o jornalismo seguiu se valendo da factualidade, do testemunho enquanto perspectiva da realidade (Muhlmann, 2008) e da verdade, até a reportagem dos séculos XX e XXI incorporar os ideais, nesta ordem, de objetividade, perspectivismo plural, confronto de versões, checagem

e balanceamento (Schudson, 2010; Gomes, 2009; Burgh, 2008; Wyss, 2008). As discussões sobre a integridade da informação foram atualizadas, inclusive no campo jornalístico, devido à enxurrada de desinformação em relação à pandemia e à contaminação da Covid-19 (2020-2022). Assim, essa integridade pode soar como redundante no trabalho jornalístico, e efetivamente seria na atualidade, se o construto desinformativo nas redes sociais e nos sites noticiosos falsos não cobrasse um trabalho extra de apuração por parte das redações e das agências de checagem.

O conceito chega à contemporaneidade, segundo o Painel Internacional de Informação Ambiental (IPIE, 2025), pela soma de contribuições das ciências da computação, da informação, organizacionais, políticas, jurídicas, das relações internacionais e da filosofia, todavia, também dependeu dos conhecimentos das ciências da saúde durante o período pandêmico. Além disso, envolve os atributos de preservar, dar acesso, transparência, confiabilidade, precisão, aplicabilidade e avaliação. O Painel elaborou um relatório de Integridade da Informação sobre Ciências Climáticas (2025), denunciando o ataque às informações vindo dos lobistas do petróleo, governantes, líderes políticos, grupos e *think tanks* (eventos de reflexão) conservadores, robôs atuando nas mídias sociais.

A desinformação climática foi uma das vertentes dos desvios informacionais, incluindo a *fake news* e o negacionismo, mostrando-se dependente de um olhar acadêmico, científico e profissional e permeado por uma mudança de paradigmas, essencial na história das ciências e das sociedades motivadas pelas descobertas, por novos contextos e panoramas, conforme apontam Thomas Kuhn (1998), Gaston Bachelard (2006) e Edgar Morin (2005). Desta forma, a integridade informacional, vista pela perspectiva conceitual dos estudos pós-coloniais (Bhabha, 1998), é uma das expressões nas ciências humanas e sociais carregadas de ambivalência, ou seja, atravessada por sentidos hegemônicos e subalternos relacionados a minorias sociais, raciais e étnicas. Por um lado, deve reconhecer as tentativas dos desvios de desinformação (distração), *fake* (engano) e do negacionismo (especulação), convergentes ou não, em prejudicar as representações factuais e verídicas da realidade; por outro lado, abarca as disrupções das subalternidades contra eles, arregimentando estratégias para minimizar os impactos de seus efeitos na sociedade da informação (Almeida, 2025b).

A responsabilidade informacional acerca das mudanças climáticas é tema de nossas pesquisas desde 2017, dois anos antes do início da decretação da

pandemia de Covid pela Organização Mundial da Saúde (OMS), até 2021, contexto de ampliação no número de cientistas que acreditam nas evidências da interferência humana no clima terrestre manifesta no último relatório do Panorama Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC). Na publicação *Ecocrítica da cartografia metafórico-interpretativa na não ficção de mudanças climáticas, clima e danos ambientais* (2017), apontamos as etapas da interpretação de tais fenômenos, assim enumeradas: detecção de dados, atribuição de causas, balanço de evidências dos efeitos e indicação de soluções educativas, baseados em discussões dos autores David Archer e Stefan Rahmstorf (2010). Esse recorte teórico é recuperado em publicação posterior referenciada na terceira seção deste artigo científico, como interpretação padrão das mudanças do clima.

No ano seguinte, em *Representações do tempo no jornalismo de mudanças climáticas e danos ambientais* (2018), foi demonstrado o adiamento da mitigação por parte da governança global e o discurso da adaptação enquanto saída dos governantes para não utilizar investimentos públicos na resolução dos fatores e dos impactos em comunidades vulneráveis, a exemplo das periferias urbanas, comunidades ribeirinhas, assentamentos rurais, terreiros quilombolas e quintais indígenas. esse tratamento posteriormente, reforçando as diferenças entre os dois conceitos e o enfrentamento da problemática em questão.

Reconhecendo a atualização dessas pesquisas, foram desenvolvidos novos *e-books* a partir do ano de 2024, a fim de demonstrar o combate aos três desvios informacionais apontados, no campo jornalístico apoiado por agências de checagem, nas quais essa etapa do processo investigativo ganha autonomia. Desta forma, o atual problema de pesquisa oferece um panorama paradigmático da integridade da informação climática, cuja atualização se deve, por um lado, pela resistência a expressões desinformacionais e, por outro lado, ao acúmulo e à provisão de estratégias interpretativas e investigativas contra a massificação desses desvios da informação pública responsável, prejudicando ainda mais vítimas de desastres intensos, frequentes e extremos.

Sabe-se do uso frequente do método de estado da arte da pesquisa atualmente, para pontuar os pressupostos e os paradigmas recorrentes em determinadas áreas acadêmicas. Todavia, será utilizado o método do biografismo em nossos propósitos, mesmo conhecendo a necessidade de adaptar suas técnicas a um corpus de caráter autobiográfico. O objetivo da presente pesquisa é apontar a necessidade de uma constante atualização nas

pesquisas com o intuito de contextualizar o combate à desinformação, à *fake* e ao negacionismo, bem como demarcar disrupções profissionais contemporâneas indicadas, partindo de conhecimentos das ciências sociais aplicadas em comunicação e jornalismo.

Método biográfico

O biografismo aplicado a narrativas jornalísticas, segundo Sérgio Vilas-Boas (2008), tem referencial na epistemologia fenomenológica porque através dele, determinadas perspectivas sociais são selecionadas, por meio das quais os leitores terão acesso aos biografados. O próprio autor defende que o método não somente implica em técnicas de narrar, mas também inclui a busca de circunstâncias necessárias em uma pesquisa, ou seja, abrange situações, vivências, contextos, panoramas, atualidades, passados recentes ou remotos.

Dá-se aí também a extensão das experiências e a investigação das formas do biografar, dependentes de um controle fenomenológico pautado numa reflexividade, em que a vida dos personagens permeia a consciência do escritor jornalista, capaz de imaginar sensações e sentimentos em relação à realidade e ao meio social, se estivesse no lugar dos personagens (Vilas-Boas, 2008). O crivo de atualidade e contemporaneidade passa pelos recortes do observador, incidindo juízos de valor e sentidos às passagens da vida. Trata-se de resgatar e inserir o biografado em sistemas de discursos materializando, nos termos de Stuart Hall (apud Silva, 2000), os sujeitos e suas subjetividades.

Mas como as materialidades discursivas objetificam subjetivações e intimidades no caso de narrativas autobiográficas? Vilas-Boas (2008) defende a abertura do método ao recorte metabiográfico, portanto, os relatos não migram apenas de personagem a personagem, mas também, entre biografado e biógrafo. Assim, a proposta de biografismo em sua vertente acadêmico-científica pode ser desenvolvida para chegarmos ao objetivo da presente pesquisa, a ser atingido a partir de uma escala formada pelos perfis do pesquisador e pelo tema da integridade da informação climática explorado, submetidos a angulações em fluxos contínuos de deslocamentos, a partir dos quais é possível reconhecer, ao mesmo tempo, a não isenção total do pesquisador na sua própria pesquisa e as circunstâncias espaciais e temporais das alterações paradigmáticas impressas na aplicabilidade teórica, metodológica e nos resultados esperados. Desta forma, o histórico de pesquisas imprime sentidos ao tema e as discussões temáticas constroem

perfis científicos. Conforme aponta Vilas-Boas (2008, p. 245), cada perfil é constituído de facetas e episódios diferentes, e cada faceta é “parcela de um hipertexto”, necessário a enxergar os paradigmas biográficos de perto, em “plano geral” e além deles.

Compartilhando a ideia de que o biografismo é uma construção sem o propósito de fechar os sentidos das vidas dos sujeitos, pois os perfis podem sofrer alterações (Vilas-Boas, 2008), já discutimos como o jornalismo legitima perfis sociais de ativista ambiental em determinado período de seu ativismo (Almeida, 2021) e como meio jornalístico pode ser biografado devido às opções editoriais em coberturas sobre violência contra animais quando a redação estava mais focada na migração venezuelana (Almeida; Carvalho; Dias, Mariano, 2022). Esse último problema de pesquisa já foi um “ponto fora da curva” das discussões teóricas de Sérgio Vilas-Boas (2008) devido ao biografismo não ser de pessoas, contudo, vamos “longe demais” com o presente artigo científico. Apesar da proposta biográfica de nossas pesquisas ser nosso objeto de estudo, busca-se reconhecer a aplicabilidade dos pressupostos de vivências e panorama, personalização do contrato fenomenológico pesquisador-pesquisado, objetificação-subjetivação e hipertexto inacabado. Chegaremos a eles através da técnica de panorama biográfico da pesquisa, no nosso caso, em integridade da informação climática ano a ano.

Pesquisa de combate e disrupções jornalísticas à desinformação climática

Iniciamos nossas pesquisas em comunicação, cinema e jornalismo ambiental dois anos após a conclusão de nosso doutorado, em 2014, cujos resultados foram transformados em livros, e-books e artigos científicos envolvendo ficção cinematográfica, não ficção e reportagem. A realização do pós-doutorado “Negacionismo tóxico, atravessamentos pós-coloniais e co-culturais em narrativas de emergência climática (2023-2024)” nos inseriu num novo campo epistemológico, metodológico, teórico e crítico responsável por desenvolver contribuições a respeito da desinformação e da integridade da informação. Desde então, foram publicados quatro e-books contendo nossas opções de epistemologia e teoria pós-colonial, e o método pós-fenomenológico a partir do qual os desvios informacionais foram compreendidos tanto convergentes e divergentes contra a sociedade da informação e as democracias, quanto

passíveis de disrupções por parte de jornalistas e fontes vulneráveis às mudanças do clima. Nossas colaborações foram estimuladas por pesquisas sobre as formas desinformacionais relacionadas à existência, à contaminação e à vacina da Covid-19, e após o consenso entre cientistas no último relatório de evidências (IPCC, 2021), inclusive, diante de um panorama de amplitude de atuação dos desinformantes climáticos nas redes sociais.

Em *Disrupções das fantasias do negacionismo, da perdição e da terraformação em narrativas de emergência climática* (2024a), foi reforçada a comparação da interpretação padrão e complexa das mudanças humanas do clima, já trabalhada no e-book de 2017. No primeiro caso, reconhecemos além da detecção de dados, a atribuição de fatores e o balanço de efeitos, o tratamento de fatos e contextos, a relação entre causas e contextos, a comparação de consequências em distintos contextos e o confronto de causas e efeitos; a interpretação complexa se caracteriza pela análise contextual e sistêmica, pela intensidade, grau, periodicidade e frequência dos desastres, distinção de variações naturais e antropocêntricas do clima, indicação de evidências reversíveis e irreversíveis, sobreposição de fatores biorregionais ou globais, diferenças da adaptação e da mitigação, e pela percepção de efeitos num contexto virando causas de alterações climáticas em outro contexto.

Além disso, distinguiu-se a mitigação dependente de políticas públicas e o enfrentamento disruptivo das minorias, o negacionismo relativo e o absoluto, sendo o primeiro marcado pela confusão entre mudanças climáticas, clima e tempo, especulação ou naturalização de efeitos irreversíveis e o acúmulo de zonas de sacrifício socioambiental em comunidades vulneráveis; enquanto o segundo é caracterizado pelos impactos irreversíveis capazes de hierarquizar ecossistemas conservados/preservados e degradados, e pela legitimidade da irreversibilidade de consequências. Deste modo, reconhecemos as formas desinformacionais da problemática e os processos jornalísticos interpretativo-investigativos na cobertura de desastres, necessários ao combate de seus impactos na opinião pública e na sociedade.

No capítulo *Negacionismo climático no discurso oficial em diálogo ininterrupto no webjornalismo* do e-book *Desinformação na comunicação e negacionismo no jornalismo ambiental* (2024b), escrito antes, mas publicado após o e-book anteriormente referenciado, foi apontada a estratégia de negacionistas em confundir adaptação e mitigação a fim de esvaziar a responsabilidade pública dos governos com os efeitos e impactos das mudanças do clima. O e-book *Como o jornalismo combate o negacionismo*

climático (2025a) destaca que a interpretação tem limites dados pela autonomia outorgada, ou seja, é possível delimitar diferenças entre desvios informacionais mal intencionados e deliberados e a verdade factual das evidências.

Por fim, *Integridade da informação climática na cobertura jornalística de desastres* (2025b) enumera estratégias profissionais e co-culturais de comunidades de biomas e ecossistemas na cobertura jornalística, a exemplo da personalização e responsabilização de desinformantes, da cartografia de arranjos políticos, socioeconômicos e socioambientais contra as evidências, do ato de reportar as versões verdadeiras e da provisão de documentação e provas a serem utilizadas no confronto contra as versões desinformacionais. As estratégias co-culturais, nos termos de Mark Orbe (1998), envolvendo processos intrínsecos de negociação entre grupos minoritários contra estruturas sociais dominantes, podem ser adaptadas à pesquisa de informação socioambiental com o intuito de analisar como comunidades residentes de diferentes espaços naturais podem trocar informações e unir enfrentamentos, tanto de efeitos climáticos, quanto de expressões desinformacionais que as afetam.

Após referenciarmos os conteúdos desses suportes bibliográficos, podemos pontuar a linha do tempo de seus pressupostos e os paradigmas acerca da desinformação e da integridade informacional do tema no campo jornalístico.

Quadro 1: Panorama biográfico de mudanças paradigmáticas da pesquisa em integridade da informação climática

Circunstância	Ano	Sistema de discursos
	2017	- mudanças climáticas são um discurso atacado por aqueles que negam suas evidências; - exposição interpretada padrão e complexa; - efeitos socioambientais; - cobertura de soluções; - tratamento contextual e sistêmico; - detecção, atribuição, balanço de evidências e educação climática.

Antes da pandemia de Covid-19 e na progressão de crenças científicas nas mudanças climáticas	2018	- a mitigação negociada é a primeira solução; - todavia, a mitigação é adiada; - a adaptação não implica em democracia socioambiental porque os pobres não têm recursos para combater os impactos climáticos; - valorização de fontes não oficiais vulneráveis aos desastres climáticos; - as soluções econômicas e tecnológicas não se sobrepõem às socioambientais; - valores sustentáveis são mitigatórios.
		- a desinformação é segmentada nos campos político, socioeconômico, socioambiental e similares - tempo de desastres extremos climáticos; - a interpretação climática é padrão e complexa; - negacionismo relativo deve ser combatido para não virar absoluto com abandono de

Após a pandemia da Covid-19 e o consenso científico no relatório do IPCC (2021)	2024	comunidades em espaços naturais degradados; - personificar individualmente e coletivamente o problema; - cartografar arranjos políticos, econômicos, sociais e ambientais da desinformação; - apresentar os benefícios das informações verdadeiras; - provisão interpretativa-investigativa para combater os desvios informacionais; - identificar articulações entre violências sociais e socioambientais; - a especulação interpretativa se diferencia da especulação negacionista pautada na normalização e naturalização de impactos irreversíveis de desastres; - a mitigação contra os desvios informacionais cumpre regimes de veracidade baseados em evidências;
---	-------------	---

		- interrupções de intensidades, frequências e extremos climáticos; - balanceamento e não hierarquia de fontes, associado ao reconhecimento da versão mais verdadeira.
	2025	- a desinformação estrutural prejudica a sociedade da informação, as democracias e a responsabilidade social com os impactos dos desastres climáticos; - reconhecer, por um lado, as tentativas de descrenças das mudanças climáticas e, por outro lado, legitimar as interrupções profissionais de jornalistas e socioambientais de comunidades vulnerabilizadas; - desinformação, <i>fake</i> e negacionismo incidem na naturalização de causas humanas e de efeitos de desastres climáticos, além da minimização dos impactos; - valorização dos enfrentamentos das

		minorias sociais, raciais e étnicas em detrimento da mitigação morosa da governança climática global; - estratégias co-culturais de comunidades vulneráveis de biomas e ecossistemas distintos; - tratar polícrises socioeconômicas e socioambientais na sociobiodiversidade em diferentes biomas atingidos por desastres; - reconhecer os valores socioambientais de biomas e ecossistemas para o país.
--	--	--

Fonte: O autor

O panorama (auto)biográfico das pesquisas acima demonstra que a circunstância de progressão de crenças científicas nas mudanças climáticas proveu as discussões sobre a existência de negadores e a interpretação sistêmica permeada de evidências e soluções, além da sustentabilidade enquanto valor da mitigação de desastres. Já a circunstância após a publicação do último relatório do IPCC (2021), contendo amplo consenso entre cientistas do clima, está predisposta ao debate da desinformação estrutural e segmentada, suscetível de ser confrontada pela interpretação padrão ou complexa, pela checagem do jornalismo interpretativo-investigativo, e pelas disrupções de comunidades vulneráveis de diferentes biomas e ecossistemas por meio de estratégias co-culturais de enfrentamento, avessas à precarização de serviços ambientais desses espaços naturais oferecidos à qualidade de vida socioambiental do país.

Partindo para a aplicabilidade do biografismo enquanto método de pesquisa nesses resultados, foram enumeradas as vivências de pesquisador

progressista e ativista, preocupado em conceituar as mudanças climáticas, incluindo a perspectiva de seus negadores, posteriormente tratados como negacionistas, em distinguir adaptação e mitigação e em legitimar a interpretação e o enfrentamento de desastres, até encontrar sua epistemologia pós-colonial e seu método pós-fenomenológico, capazes de oferecer a dimensão das rupturas socioambientais, dependentes de estratégias co-culturais, com as formas desinformacionais estruturais e segmentadas.

Quadro 2: Contribuições paradigmáticas ao panorama circunstanciado da integridade da informação climática

Circunstâncias	Sistemas de discursos
Negação das mudanças climáticas	Interpretação sistêmica e mitigação sustentável
Negacionismo das mudanças climáticas	Desinformação estrutural e segmentada
Integridade da informação climática	Checagem, enfrentamentos disruptivos e co-culturais

Fonte: O autor

Assim, o contrato fenomenológico pesquisador-objeto de estudo se configura através da objetificação das mudanças humanas do clima terrestre em discursos tensionados pelos desinformantes e combatidos por jornalistas e comunidades mais vulneráveis a seus impactos. Não obstante ao entendimento de que se trata de um campo de disputas inacabado, pois, apesar das estratégias pós-coloniais e co-culturais das minorias, o debate público sempre estará vulnerável devido à manipulação estruturante, segmentada e negacionista dos interesses político-econômicos, principalmente da extrema direita, portanto, marcado por um hipertexto de desinformação e sua contraposição, daí a importância das pesquisas de integridade da informação serem atualizadas (amplificação das crenças científicas, crítica dos desvios, entre outras ferramentas), prolongadas e aprofundadas.

Considerações finais

Sugerimos no presente artigo científico a aplicação do método biográfico e da técnica de biografismo de panorama de pesquisas científicas, especificamente das ciências sociais, aplicadas à desinformação segmentada na vertente climática. Todavia, a proposta é passível de ser ampliada a outros propósitos paradigmáticos. O objetivo é o (auto)reconhecimento da linha do tempo, incluindo passado recente ou remoto, contemporaneidade e atualidade, permeada de aprofundamentos epistemológicos, metodológicos e teóricos acerca das mudanças de paradigmas dos meios, das fontes e das materialidades em imagens e discursos, cobradas por novos contextos e panoramas na comunicação e no jornalismo. Ainda, legitimar a responsabilidade científica e acadêmica diante das crises, dos desastres e das emergências de soluções clamadas pelo planeta.

O panorama biográfico proposto e indicativo de circunstâncias temporais e contextuais e de sistemas discursivos situados oferece a possibilidade de chegar à atualização e contemporaneidade dos estudos das mudanças climáticas, abertas a contribuições futuras de curto, médio e longo prazo, capazes de se somar aos propósitos das ciências humanas e sociais de sugerir saídas humanitárias aos desafios do século XXI. Nos termos do Painel Internacional de Informação Ambiental (2025), ajuda a preservar, dar acesso, transparência, confiabilidade, precisão, aplicabilidade e avaliação por meio da integridade da informação; a partir da nossa proposição conceitual, sinaliza o debate público atravessado por sentidos hegemônicos e subalternos relacionados a minorias sociais, raciais e étnicas, estes últimos, algumas vezes, submetidos às manipulações nas redes sociais, contando com o apoio do jornalismo, da opinião pública e das instituições jurídicas. A parceria entre ONU, UNESCO e Governo Federal reforça as estratégias profissionais e sociais em torno da veracidade, credibilidade, sustentabilidade, justiça socioambiental e sociobiodiversidade, pilares encontrados nos resultados do biografismo da pesquisa aqui realizado.

A responsabilidade contra a desinformação climática e em favor da sociedade da informação, da democracia e dos grupos vulnerabilizados depende de pôr em prática as estratégias compromissadas com a checagem e a interpretação das evidências. Desta forma, provisiona benefícios e soluções pela democracia socioambiental. Por isso, seguiremos engajados nas contribuições acadêmicas e científicas mencionadas que são necessárias às informações públicas, jornalísticas e co-culturais, da diversidade de biomas e ecossistemas brasileiros surrupiados, frequentemente, da preservação e

conservação dos serviços ambientais por interesses exclusivamente economicistas. Se o país depende desses serviços, a integridade da informação climática é mais um ponto de convergência científica e profissional, a partir do qual desinformantes, enganadores e especuladores têm seus escopos de atuação reduzidos por disrupções coletivas e co-culturais.

Bibliografia

ALMEIDA, Simão Farias. **Como o jornalismo combate o negacionismo climático**. João Pessoa: Ideia, 2025a.

ALMEIDA, Simão Farias. **Integridade da informação climática na cobertura jornalística de desastres**. João Pessoa: Ideia, 2025b.

ALMEIDA, Simão Farias. **Disrupções das fantasias do negacionismo, da perdição e da terraformação em narrativas de emergência climática**. João Pessoa: Ideia, 2024a.

ALMEIDA, Simão Farias. Negacionismo climático no discurso oficial em diálogo ininterrupto no webjornalismo. In: ALMEIDA, Simão Farias (Org.). **Desinformação na comunicação e negacionismo no jornalismo ambiental**. João Pessoa: Ideia, 2024b.

ALMEIDA, Simão Farias; CARVALHO, Adriana Freitas; DIAS, Willians Severino; MARIANO, Mairon Compagnon. Biografismo do G1 Roraima na denúncia de crimes contra animais. In: ALMEIDA, Simão Farias; CARVALHO, Adriana Freitas; DIAS, Willians Severino; MARIANO, Mairon Compagnon. **Fatos, deformações e distopias ambientais no jornalismo**. João Pessoa: Ideia, 2022.

ALMEIDA, Simão Farias. Biografismo de Greta Thunberg contra as mudanças climáticas e a pandemia: os perfis educativo e alarmista. **Letras Raras**, UFCG, v. 10, n. 4, 2021. Disponível em: <<https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/RLR/article/view/1271>>, Acesso em: 12 abr. 2026.

ALMEIDA, Simão Farias. **Representações do tempo no jornalismo de mudanças climáticas e danos ambientais**. João Pessoa: Ideia, 2018.

ALMEIDA, Simão Farias. **Ecocrítica da cartografia metafórico-interpretativa na não ficção de mudanças climáticas, clima e danos ambientais**. João Pessoa: Ideia, 2017.

ARCHER, David; RAHMSTORF, Stefan. **The climate crisis: an introductory guide to climate change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BACHELARD, Gaston. **A Epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BURGH, Hugo de. **Jornalismo investigativo: contexto e prática**. São Paulo: Roca, 2008.

CONNERY, Thomas B. **Journalism and Realism: rendering american life**. Evanston: Northwestern University Press, 2011.

GOMES, Wilson. **Realismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2009.

GOVERNO FEDERAL. **Carta de adesão à Rede de Parceiros pela Integridade da Informação sobre a Mudança do Clima.** Fevereiro de 2025.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

INTERGOVERNMENTAL PANEL OF CLIMATE CHANGE (IPCC). **Climate Change 2021: The Physical Science Basis.** Cambridge: Cambridge University Press, 2021. Disponível em: <<https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-working-group-i/>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

INTERNATIONAL PANEL ON THE INFORMATION ENVIRONMENT. Information Integrity about Climate Science: a systematic review. Janeiro a junho de 2025. Disponível em: <https://cdn.prod.website-files.com/643ecb10be528d2c1da863cb/68541b1613026bbfd94181b9_SR2025.1%20-%20Information%20Integrity%20about%20Climate%20Science.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** 82 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MUHLMANN, Géraldine. **A political history of journalism.** Cambridge: Polity Press, 2008.

ORBE, Mark. **Constructing co-cultural theory: an explication of culture, power, and communication.** Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.

SCHUDSON, Michael. **Descobrendo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos.** São Paulo: Vozes, 2010.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida.** São Paulo: Ed. UNESP, 2008.

WYSS, Bob. **Covering the environment.** New York: Routledge, 2008.

Recebido em: 02/10/2025

Aceito em: 08/05/2026